

SER NÃO-DIRECTIVO ON BEING NON-DIRECTIVE

TRADUÇÃO DE RUTE BRITES



C. H. Patterson

Resumo: Neste artigo o autor começa por expôr as posições de alguns terapeutas centrados no cliente – Cain, Grant e Sebastian – acerca da discussão Directividade – Não-Directividade, refutando ao mesmo tempo tais posições. Numa tentativa de esclarecimento do termo “Não-Directividade” elabora algumas considerações sobre a natureza da Terapia centrada na Pessoa.

Palavras-Chave: Directividade – Não-Directividade – diferenças individuais

Tenho seguido as discussões acerca da directividade – não-directividade (Cain, 1989, 1990; Sebastian, 1989; Grant, 1990) com interesse, e também com um sentimento de frustração e irritação. Isto porque os artigos parecem constituir um exercício de sofistica. Cada autor dá o seu próprio significado aos termos, sem os definir claramente. Para além disso, os termos são usados por cada autor com significados implícitos diferentes. Grant (1990), tal como o Humpty Dumpty de Alice no País das maravilhas (Dodgeon, 1931), cria fora do cenário dois tipos, ou duas definições de não-directividade.

Cain (1989) abre a discussão. Começa por discutir as diferenças individuais nos estilos de aprendizagem. Falta a observação de que se aplicam à aprendizagem cognitiva. Sugere que alguns clientes necessitam de alguma direcção do terapeuta. Assim, a não-directividade completa nem sempre é possível. Mas as aprendizagens pessoais, a aprendizagem sobre o próprio,

Abstract: In this article the author begins by exposing the position of some client-centered therapists – Cain, Grant and Sebastian – on the subject of directiveness-nondirectiveness, refuting at same time such positions. In an enlightenment's attempt of the term “nondirectiveness”, he elaborates some considerations about the nature of Person-Centered Therapy.

Key-Words: Directiveness – Nondirectiveness – Individual Differences

I have been following the discussions of directiveness-nondirectiveness (Cain, 1989, 1990; Sebastian, 1989; Grant, 1990) with interest, and also with a sense of frustration and irritation. This is because the papers seem to constitute an exercise in sophistry. Each writer gives his own meaning to the terms, without clearly defining them. Moreover, the terms are used by each writer with different implicit meanings. Grant (1990), like Humpty Dumpty in Alice in Wonderland (Dodgeon, 1931) creates out of whole cloth two kinds, or definitions of nondirective.

Cain (1989) opens the discussion. He begins by discussing individual differences in learning styles. He fails to note that they apply to cognitive learning. He suggests that some clients need some direction from the therapist. Thus complete nondirectiveness is not always possible. But personal learnings, learning about oneself, in therapy is achieved best, and perhaps

na terapia, é adquirida melhor, e talvez somente, através da aprendizagem de auto-descoberta. É duvidoso se estilos de aprendizagem diferentes são relevantes para este tipo de aprendizagem.

Grant (1990) surge dizendo que “as preocupações pragmáticas para promover o crescimento e a satisfação das necessidades”, e o “respeito pelas pessoas” são incompatíveis, conduzindo à sua proposta de dois tipos de directividade – “Não-Directividade Instrumental” e “Não-Directividade Formada”. Afirma que na não-directividade formada existe uma “ausência de intenção em fazer acontecer algo de particular” (p. 82). Os terapeutas centrados no cliente não pretendem libertar ou reprimir os seus clientes” (p. 84). Isto é ridículo, completamente sem sentido. O respeito pelos clientes é importante porque conduz às mudanças no cliente.

A não-directividade formada está envolvida nos fins, bem como a não-directividade instrumental. Mas na não-directividade instrumental os meios são inconsistentes com os fins.

Tanto Grant como Cain sugerem que o terapeuta pode sugerir actividades, exercícios técnicos, direcções, conselhos, interpretações, etc. aos clientes que o solicitem; Grant vai mais longe, afirmando que a oferta do terapeuta de opiniões e sugestões não solicitadas pode ser consistente com a “não-directividade formada”. Os clientes, dizem eles, podem escolher ou rejeitar essas ofertas. Contudo, é ingénuo acreditar que os clientes são na verdade completamente livres de rejeitar tais ofertas vindas de alguém que é percebido como um perito, pelo menos em alguma medida. Além disso, essas ofertas são inconsistentes com o respeito e com o objectivo da Terapia Centrada no Cliente – um cliente auto-actualizante, responsável, independente.

Cain (1990), na sua resposta a Grant, representa correctamente a posição de Rogers sobre não-directividade. Mas afasta-se da sua posição quando se coloca contra a não-directividade porque alguns clientes não gostam dela ou respondem-lhe imediatamente, e por vezes abandonam a terapia. Então ele abandona a não-directividade; mas ao fazê-lo, está também a abandonar a crença e confiança na capacidade do cliente para assumir a responsabilidade por si próprio, tanto no processo de terapia como fora dele, ou seja, a assumpção básica da posição de Rogers. As actividades resultantes do terapeuta, ao agradar ao cliente, são inconsistentes com o objectivo da Terapia Centrada no Cliente (pode ser interessante observar aqui que “agradar” é a definição de placebo).

Cain enfatiza as diferenças individuais entre os clientes, e afirma que a Terapia Centrada no Cliente não reconhece este facto na sua prática. Pelo contrário, a

only, through self-discovery learning. It is doubtful if different learning styles are relevant to this kind of learning.

Grant (1990) appears to say that “pragmatic concerns for promoting growth and ‘meeting needs’,” and “respect for persons” are incompatible, leading to his proposing two kinds of nondirectiveness—“instrumental nondirectiveness” and “principled nondirectiveness”. He says that in principled nondirectiveness there is “an absence of the intention to make anything in particular happen” (p. 82). “Client-centered therapists do not intend to free or constrain their clients” (p. 84). This is ridiculous, patent nonsense. Respect for clients is important because it leads to changes in the client.

Principled nondirectiveness is involved with ends, as is instrumental directiveness. But in instrumental nondirectiveness the means are inconsistent with the ends.

Both Grant and Cain suggest that the therapist may offer activities, exercises, techniques, direction, advice, interpretations, etc. to clients who request them; Grant goes farther, saying that therapist offering of unsolicited opinions, suggestions, and the like can be consistent with “principled” nondirectiveness. Clients, they say, can choose or reject these offerings. It is, however, naive to believe that clients are really completely free to reject such offerings from one who is perceived, to some extent at least, as an expert. Moreover, these offerings are inconsistent with respect and with the end of client-centered therapy—a responsible, independent, self-actualizing client.

Cain (1990), in his response to Grant, accurately represents Rogers position on nondirectiveness. But he departs from this position when he argues against nondirectiveness because some clients do not like it or respond immediately to it, and sometimes leave therapy. So he abandons nondirectiveness; but in doing so he is also abandoning the belief and trust in the client’s capability to take responsibility for him/herself, in the therapy process as well as outside it, that is the basic assumption of Rogers’ position. The resulting activities of the therapist, while pleasing to the client, are inconsistent with the goal of client-centered therapy. (It may be of interest to note here that “to please” is the definition of placebo.)

Cain emphasizes individual differences among clients, and says that client-centered therapy does not recognize this fact in its practice. To the contrary, cli-

Terapia Centrada no Cliente está em harmonia com as diferenças individuais, mais que qualquer outra terapia. As condições de empatia, respeito e genuinidade tornam possível a expressão da unicidade de cada cliente. As condições são as mesmas para todos os clientes, mas o conteúdo e substância do processo resultante são únicas para cada cliente.

A discussão de Sebastian (1984) não é dirigida ao debate directividade/não-directividade, mas apesar disso ele entra nele. Tenta evitar o conflito abrangendo tanto um nível teórico como um nível metateórico, ainda que a distinção não esteja inteiramente clara. Ao nível metateórico o terapeuta é um perito, um guia, e mesmo um manipulador simplesmente, aparentemente, porque o terapeuta sabe onde o processo irá conduzir (parenteticamente, o uso do termo manipulador não é muito correcto, pois a manipulação inclui um elemento de desvio, tentando o manipulador atingir os seus fins sem o conhecimento da pessoa que é manipulada). A sua afirmação de que “se o objectivo do terapeuta centrado na pessoa é ajudar as pessoas a desenvolver os seus selfs orgânicos tão totalmente quanto possível, que importa que os meios sejam mais ou menos “directivos”” é simplesmente inaceitável. Os meios directivos são inconsistentes com tal objectivo, que inclui a autonomia, a responsabilidade e a auto-determinação.

Arriscando-me a afirmar o óbvio deixem-me, clara e simplesmente, sem elaboração, afirmar a natureza da Terapia Centrada na Pessoa.

1. A terapia é um processo de influência. A intenção do terapeuta é influenciar o cliente. Se assim não fosse, o terapeuta não estaria a exercer. O problema não é a directividade/não-directividade. Rogers reconheceu a irrelevância disto quando, como Cain (1989) observou, abandonou a consideração de assunto. O tema relevante é a natureza e extensão da sua influência que é consistente com a filosofia e as assumpções da Terapia Centrada no Cliente.
2. O objectivo desta influência é libertar e promover o processo de auto-actualização no cliente. Este é um objectivo que não é escolhido nem pelo terapeuta nem pelo cliente. É dado pela natureza do cliente, enquanto organismo vivo. A tendência actualizante, como Rogers reconheceu, é uma característica de todos os organismos vivos (parenteticamente, isto é a base para um sistema universal de psicoterapia (Patterson, 1989b). Nos clientes este pro-

ent-centered therapy is attuned to individual differences to a greater extent than any other therapy. The conditions of empathy, respect and genuineness make possible the expression of the uniqueness of each client. The conditions are the same for all clients, but the content and substance of the resulting process are unique to each client.

Sebastian's discussion (1984) is not directed to the directive-nondirective debate, but he does enter into it, nevertheless. He tries to avoid the conflict by posing both theoretical and metatheoretical levels, though the distinction is not entirely clear. At a metatheoretical level the therapist is an expert, a guide, and even a manipulator, apparently simply because the therapist knows where the process will lead. (Parenthetically, the use of the term manipulator is not quite right, since manipulation includes an element of deviousness, with the manipulator attempting to achieve his or her ends without the knowledge of the person being manipulated.) His statement that “if the person-centered therapist's goal is to help persons to develop as fully as possible their organismic selves, who cares whether the means are more or less ‘directive’” is simply unacceptable. Directive means are inconsistent with such a goal, which includes autonomy, responsibility and selfdetermination.

At the risk of stating the obvious, let me clearly and simply, without elaboration, state the nature of client-centered therapy.

1. Therapy is an influencing process. The intent of the therapist is to influence the client. If this were not so, the therapist would not be practicing. The issue is not directiveness-nondirectiveness. Rogers recognized the irrelevance of this as an issue when, as Cain (1989) notes, he abandoned consideration of the issue. The relevant issue is the nature and extent of this influence that is consistent with the philosophy and assumptions of client-centered therapy.
2. The goal of this influence is to free and foster the process of self-actualization in the client. This is a goal that is not chosen by either the therapist or the client - it is given by the nature of the client as a living organism. The actualizing tendency, as Rogers recognized, is a characteristic of all living organisms. (Parenthetically, this is the basis for a universal system of psychotherapy (Patterson, 1989b). In clients, this process of self-

cesso de auto-actualização está perturbado ou impedido, de alguma forma.

3. O objectivo da terapia é promovido pelo terapeuta através da manutenção de três condições. Compreensão empática, respeito (olhar incondicional positivo), e genuinidade terapêutica. Estas são as condições necessárias e suficientes para a mudança de personalidade terapêutica (Rogers, 1957). Se são suficientes, não são necessárias outras condições. Não tenho conhecimento de que quaisquer definições destas condições incluam a direcção ou influência pelo terapeuta através de sugestões, conselhos, orientação, condução, etc. Os únicos meios para influenciar o cliente são através destas condições. Qualquer outra intervenção activa pelo terapeuta é inconsistente com a assumpção básica da existência de uma tendência para a auto-actualização. As três condições oferecidas pelo terapeuta libertam a operação desta tendência no cliente.
4. A percepção destas condições pelo cliente resulta na auto-revelação, auto-exploração, auto-direcção e auto-descoberta do cliente, levando a aprendizagem a mudanças nas percepções e atitudes do cliente, que resultam em mudanças de comportamento. Estas mudanças são elementos do processo de auto-actualização. São únicas para cada cliente (apesar de existirem alguns elementos comuns). Como Maslow (1962, p. 196) observou, a “auto-actualização é a actualização de um self, e não há dois selfs completamente iguais”.
5. As condições promovidas pelo terapeuta constituem os valores mais elevados do terapeuta na área das relações interpessoais. Sebastian (1984, p. 496) afirma que “os terapeutas centrados na pessoa não impõem os seus valores, atitudes e comportamentos aos seus clientes”. Isto é manifestamente falso. Através da implementação das condições, os terapeutas centrados no cliente (como todos os terapeutas) impõem os seus valores aos seus clientes (Patterson, 1989a). O comentário de Rogers (1961, pp. 397, 398) é aqui relevante: “... estabelecemos pelo controlo externo, condições que prevemos que serão seguidas pelo indivíduo por controlo interno, na busca dos objectivos escolhidos internamente... o cliente irá tornar-se mais auto-dirigido, menos rígido, mais aberto às evidências dos seus sentidos, melhor

actualization is disturbed or impeded in some way.

3. The goal of therapy is fostered by the therapist through the providing of three conditions: empathic understanding, respect (unconditional positive regard), and therapeutic genuineness. These are the necessary and sufficient therapist conditions for therapeutic personality change (Rogers, 1957). If they are sufficient, then no other conditions are necessary. I am not aware that any definitions of these conditions include therapist direction or influencing by suggestions, advice, guiding, leading, etc., etc. The only means of influencing the client are through these conditions. Any other active intervention by the therapist is inconsistent with the basic assumption of the existence of the drive toward self-actualization. The three conditions offered by the therapist frees the operation of this drive in the client.
4. The perception of these conditions by the client results in client self-disclosure, self-exploration, self-directed and self-discovery learning leading to changes in client perceptions and attitudes that result in changes in behavior. These changes are elements of the self-actualizing process. They are unique for each client (though there are some common elements) - As Maslow (1962, p. 196) notes, “Self-actualization is the actualization of a self, and no two selves are altogether alike.”
5. The conditions provided by the therapist constitute the highest values of the therapist in the area of interpersonal relations. Sebastian (1989, p. 496) says that “person-centered therapists do not impose their values, attitudes and behaviors on their clients.” This is patently false. Through the implementation of the conditions, client-centered therapists (as do all therapists) impose their values on their clients (Patterson, 1989a). Rogers’ (1961, pp. 397, 398) comment is relevant here: “... We have established by external control, conditions which we predict will be followed by internal control by the individual, in pursuit of internally chosen goals...the client will become more self-directing, less rigid, more open to the evidence of

organizado e integrado, mais semelhante ao ideal que escolheu para si próprio... as condições... prevêem um comportamento que é essencialmente livre”. Em resumo, o cliente torna-se uma pessoa mais auto-actualizante.

Rogers fez elaborações sobre estes pontos muitas vezes. Ainda assim é provável que existam muitos que se autodenominam centrados no cliente que parecem não ter consciência das suas implicações na prática. Tais terapeutas parecem ter pouca fé na tendência para a actualização dos seus clientes

his senses, better organized and integrated, more similar to the ideal he has chosen for himself... the conditions... predict behavior that is essentially free.” In short, the client becomes a more self-actualizing person.

Rogers has elaborated on most of these points many times. Yet there appear to be many who call themselves client-centered who seem to be unaware of their implications for practice. Such therapists appear to have little faith in the actualization tendency in their clients.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / REFERENCES

- Cain, D. J. (1989). The paradox of nondirectiveness in the person-centered approach. *Person-Centered Review*, 4, 123-130.
- Cain, D. J. (1990). Further thoughts about nondirectiveness and client-centered therapy. *Person-Centered Review*, 5, 89-99.
- Dodgson, C. L. (1931). *The Lewis Carroll book*. New York: Dial Press.
- Grant, B. (1990). Principled and instrumental nondirectiveness in person-centered and client-centered therapy. *Person Centered Review*, 5, 77-88.
- Maslow, A. H. (1962). *Toward a psychology of being*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- Patterson, C. H. (1989a). Values in counseling and psychotherapy. *Counseling and Values*, 33, 164-176.
- Patterson, C. H. (1989b). A universal system of psychotherapy. Unpublished manuscript.
- Rogers, C. R. (1957). The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology*, 21, 95-103.
- Rogers, C. R. (1961). *On becoming a person*. Boston: Houghton Mifflin.
- Sebastian, J. (1989). Metatheoretical response to the person centered versus client-centered debate. *Person-Centered Review*, 4, 493-496.

